

AS ESCOLAS DO CAMPO DO MST/CE COMO ESPAÇO CONTRA HEGEMÔNICO.

José Filho Araújo Santos¹

RESUMO:

A reflexão que ora se apresenta busca discutir a experiência das Escolas do Campo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Estado do Ceará, enquanto espaço contra hegemônico face ao Estado Burguês, compreendendo assim a dimensão política e pedagógica das escolas de Ensino Médio dos Assentamentos de Reforma Agrária, que vem sendo construído coletivamente considerando as especificidades do campo numa articulação com a luta por um novo modelo agrícola e agrário para campo brasileiro. A partir da apropriação do debate teórico, e do resgate da trajetória da luta por educação do Campo no Ceará realizaremos uma análise com base na experiência concreta vivenciada pelos sujeitos no contexto do processo de elaboração coletiva dos projetos políticos e pedagógicos e sua proposta de formação. Utilizamos como referências para compreender esta construção, obras de Karl Marx e Gramsci, assim como, textos de autores que discutem no campo da Questão Agrária e Educação do Campo, sendo uma discussão de cunho analítico.

Palavras-Chave: MST. Educação do Campo. Contra Hegemonia.

RESUMEN:

La reflexión que aquí se presenta se analiza la experiencia del movimiento de las escuelas rurales de los Sin Tierra del Estado de Ceará, como un área contra hegemónica contra el Estado burgués, y que comprende dimensión política y pedagógica de las escuelas superiores de los Asentamientos la reforma agraria, que se está construyendo colectivamente teniendo en cuenta las características específicas del tribunal en relación con la lucha por un nuevo modelo agrícola y agraria para el campo brasileño. A partir de la apropiación de debate teórico, y el campo de la educación de rescate por carrera de la lucha en Ceará llevaremos a cabo un análisis basado en la experiencia práctica experimentada por los sujetos en el contexto del proceso de elaboración colectiva de proyectos políticos y pedagógicos y su propuesta para la formación. Utilizar como referencia para entender esta construcción, las obras de Karl Marx y Gramsci, así como autores de los textos que tratan sobre el campo de la cuestión agraria y la educación rural, siendo un carácter analítico de la discusión.

Palabras clave: MST. Educación Rural. Contra Hegemonía

¹ Assistente Social. Escola do Campo Florestan Fernandes. Assentamento Santana. Monsenhor Tabosa/CE.

INTRODUÇÃO

As Escolas do Campo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST/CE vem de um intenso processo de luta e mobilização social dos povos camponeses por acesso e condições dignas e justas de usufruto a educação pública em seus locais de referência/luta a sua identidade camponesa, que as quais são nos assentamentos de reforma agrária, que pela articulação do MST tem articulado grandes esforços na luta pelo acesso a terra e nesta a materialização efetiva dos demais direitos sociais, como trabalho, geração de renda, educação, saúde, cultura entre outros.

A proposta política e pedagógica das escolas vem desenvolvendo processos com vistas a promover espaços de formação crítica e reveladora da realidade e dos processos sócio-históricos pelos quais o campesinato brasileiro sofreu -sofre- milenarmente com os ataques regressivos do latifúndio devastando a vida social, humana e ambiental. Assim a escola finca em sua grade curricular conhecimentos, discussões e temáticas que vão ao encontro da realidade social, partindo do singular para o universal, contribuindo incisivamente na constituição de um sujeito social cada vez mais atento a história e seus rumos, tendo discussões e trabalhos específicos e distintos das demais propostas formativas das escolas camponesas. Sabemos que parte desta “diferença” na condução e construção da proposta das Escolas do Campo, é em partes providas da própria dinâmica e pedagogia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que tem na sua própria composição identitária, o legado sócio-histórico de travamentos de lutas e encampamentos de demandas e frentes de luta como: contra os agrotóxicos, transgênicos, agronegócio, o fechamento das escolas no campo, entre outras complexas e densas frentes de lutas que o movimento social historicamente se propôs a se fazer e constituir na luta social solidária e companheira por justiça social, reforma agrária e soberania popular.

As escolas do Campo² do MST/CE articulam uma formação política e pedagógica a partir de dimensões formativas que se desmembram mediante a unidade teoria-prática, sendo pilares constitutivos da formação dos (as) educandos (as) das escolas do campo e que, por

² Estão em construção 05 experiências de Escolas Camponesas do MST no Estado do Ceará, sendo estas no: Assentamento Santana situado no município de Monsenhor Tabosa/CE; Assentamento Lagoa do Mineiro-Itarema/CE; Assentamento 25 de Maio-Madalena/CE; Assentamento Pedra e Cal-Jaguaretama/CE; Assentamento Maceio -Itapipoca/CE

consequente, atingem suas famílias, sendo: a formação agrícola para o trabalho no campo a partir de técnicas agroecológicas de convivência salutar com a terra, as lutas sociais e seu envolvimento e participação, a pesquisa social como processo elementar de descortinação da realidade local/regional/nacional/global para geração de possibilidades e olhares transformadores, que se materializam na formação escolar, em colação sob componentes curriculares integradores, que denotam a parte diversificada das escolas do campo, sendo orientadas e acompanhadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. O que expressa uma formação de carga e densidade política distinta por ser conduzida num processo de formação, que desperta o sujeito camponês para a sua realidade local e mundial e que lhe possibilita tecer e construir a história como real sujeito, sendo partícipe do processo.

O processo em construção e movimento das escolas do campo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST/CE) se realizou nos processos de reivindicação, pressão e luta social encampada pela classe trabalhadora, especialmente os camponeses. O processo organizativo da luta se realizou com articulação de assentamentos e acampamentos da reforma agrária do estado do Ceará que ao se inserirem na luta e no embate entre as relações da sociabilidade capitalista, direcionada pelo estado burguês, ousaram a gritar a educação do campo, enquanto direito dos sujeitos, dever do estado a sua realização. No ano de 2009 o estado do Ceará mediante a Secretaria de Educação, diante da pasta de Diversidade assumiu o compromisso para com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra da materialização de 05 escolas e 06 em pauta que posteriormente veio a ser garantida no embate da luta de classes, e da exigência por melhorias de condições na educação por parte dos sujeitos políticos coletivos camponeses.

As escolas camponesas do MST/CE não se efetivaram diante do consenso e da posição do estado burguês, mas expressamente pela via da luta social, estabelecida por este movimento social em conjunto com os sujeitos políticos coletivos que o compõem, promovendo diversas manifestações de suas articulações, como: ocupações, marchas, audiências e reivindicações. O MST enquanto principal movimento social latino-americano tem empreendido articulações e esforços no levantamento de frentes e bandeiras de lutas, organizando e mobilizando os camponeses para a sua participação na construção da história e na defesa e realização de um novo modelo agrícola e agrário para o campo brasileiro, que tenha como premissas e bases, relações socialistas, humanistas e igualitárias, acendendo uma posição política coletiva, que tem provocado as consciências, para além da conjuntura imbricada e corrosiva do capital,

assim defendendo como cunhou Mezsáros(2002) uma sociabilidade para além do capital.

NÃO VOU SAIR DO CAMPO PARA PODE IR PARA ESCOLA, EDUCAÇÃO DO CAMPO É DIREITO E NÃO ESMOLA: AS ESCOLAS DO MST/CE COMO ESPAÇOS CONTRA HEGEMÔNICO.

Seguindo na vasta literatura especializada acerca da Educação do Campo e Questão Agrária, vamos encontrar sustentáculos analíticos e reflexivos assentados sob as proposições marxistas e gramscianas de apreensão da realidade social e seu movimento, identificando assim reflexões subsidiárias para adensar a discussão que se inscreve.

De acordo com Dalmagro (2011) “não é possível entender a escola no MST sem entender o próprio MST, ou seja, a natureza, os objetivos, a história desse movimento social.” (p. 45). Autora apoiando-se em Caldart (2004) destaca que a pedagogia do movimento passa a elucidar a educação como síntese de processos e experiências promovidas no cerne das lutas travadas pelo próprio movimento. Implicando neste percurso a construção teórica e política do próprio MST.

Este processo de construção coletiva dos próprios sujeitos políticos coletivos, entendendo esta descrição a partir do apontamento de Ribeiro (2013) quando destaca que

Sujeito político coletivo identifica os movimentos sociais populares, que, no seu processo organizativo, são capazes de construir uma unidade de interesses comuns, em uma diversidade de interesses específicos, próprios da identidade à qual nos referimos, mas também da contraditoriedade presente no seu interior, através do movimento de conservar/transformar. Nesses movimentos, as reivindicações superam a dimensão pontual, orientadas que são por um projeto de sociedade que se confronta com o atual. (p. 136)

Desta maneira, verificamos que os sujeitos partícipes dos processos de organização e luta do MST, são homens e mulheres, movidos por uma relação orgânica de luta militante e revolucionária, no que tange especificamente a transformação das relações sociais capitalistas, arraigada no solo da vida social. Estes sujeitos são em sua maioria camponeses que ousam a se colocar nas trincheiras da luta de classe, contra o sistema capitalista de produção e a sua relação fiel com o estado burguês que evoca a desconstrução das conquistas coletivas, sociais e histórica, além de não realizar a reforma agrária que se pauta nas lutas e esforços de manifestação do MST, uma Reforma Agrária para além do acesso a propriedade a terra, uma reforma agrária, que assegure condições e possibilidades reais e concretas de vivência e permanência no campo. Nesta direção, demarca Caldart (2011)

Para nós, MST, Via Campesina, organizações de trabalhadores, com projeto histórico, “ocupar a escola” é colocá-la em movimento, em “estado de transformação”, ou seja, primeira grande tarefa social da escola, para que possa realizar tarefas pedagógicas específicas que têm, mas na nossa perspectiva de classe, de projeto, de ser humano, é dar-se conta de que é preciso fazer mudanças e seus sujeitos assumirem o comando da sua transformação. (p. 68)

As manifestações de luta e expressão do seu processo sócio-histórico se localiza na direção da defesa de um projeto de formação, campo, e sociedade que se constitua mediante bases e pressupostos socialista, de cunho transformador da realidade, assegurando condições materiais e sólidas de uma vida soberana e digna em seu território de vida, relações e identidade. Assim sendo, “o maior objetivo do MST é de formação de sujeitos históricos capazes de trabalhar e de lutar pela transformação da sociedade e pela sua autotransformação (pessoal e coletiva) emancipatória, realizada no processo inclusive de construção de um novo padrão de relações sociais (socialista).” (Caldart, 2011, p. 71).

A luta para os sujeitos coletivos políticos Sem Terra, educa, transforma, ensina e orienta, pois é mediante os enfrentamentos com o estado burguês, com as experiências e vivências nas ocupações, no acampamento, nas ruas que vai sendo revelado em que sociabilidade nos encontramos, e de que condições estamos sendo inseridos. O que sinaliza a lógica societária que exprime a expropriação, a marginalização e a exponenciação da apropriação privada da riqueza que é coletivamente produzida.

“Tudo se conquista com luta, e a luta educa as pessoas. Esse é um dos aprendizados ao mesmo tempo herdados e construídos pela trajetória histórica do MST. Por isso, manter os sem-terra em estado de luta permanente é uma das estratégias pedagógicas mais contundentes produzidas pelo Movimento.” (Caldart, 2004, p.131)

Destarte, a pedagogia do Movimento se engendra mediante o seu próprio movimento, dentro do âmbito das lutas sociais, a frente de lutas e bandeiras do MST. Que contempla questões fundamentais, na consolidação do campo, enquanto espaço de formação, vivência e permanência dos sujeitos. A educação, enquanto dimensão estratégica e necessária na luta de classe ocupa um espaço determinante de constituição deste movimento.

A inquietação do MST com esta questão está presente desde o início de suas lutas e ocupações, a educação para este movimento, é um processo expressamente relevante na formação das consciências e no impulso destas para ação transformadora da realidade, assim

o MST, estabelece em seus setores de organização, articulações que discutem, produzem, e acompanham este movimento de realização da educação enquanto processo nos assentamentos e acampamentos. Pois nesta, se encontra a base elementar para garantir a construção de análises e compreensões sobre a realidade, a história, a vida e a cultura dos povos. Entendendo que nesta também, se oportuniza engendrar hegemonia, que reflita num consenso ou numa postura (pessoal e coletiva) contra hegemônica aos nexos constitutivos da sociabilidade vigente que implode nos variados poros da vida social, conformando relações, a partir de dimensões sociais, econômicas, políticas, culturais e ideológicas, assegurando a conservação e reprodução de sua obra/movimento. Portanto, se constitui grito de ordem, que orienta e anima as lutas, o estabelecimento e o acesso qualitativo da educação, assim, todos os sujeitos políticos coletivos devem está em processo de formação, estudando, compreendendo, e se posicionando na realidade que está inserida. Por isso, que para o movimento fechar escolas, é um perverso crime.

A formação dos sujeitos políticos coletivos no MST inicia logo cedo, na Infância Sem Terra, com os Sem Terrinha, e a luta se alarga nesta dimensão educativa, para assegurar nos assentamentos e acampamentos o ensino regular de qualidade para estes sujeitos, assim como, ensino médio, e ensino superior, contribuindo para garantir a formação dos Sem Terra em sua complexidade. Na própria dimensão educativa/educacional da luta, o MST tem empreendido grandes esforços no asseguramento do ensino nos assentamentos/acampamentos, no confronto com a lógica e estruturação fragmentada, restrita e operacional do estado conservador, que nucleia as séries, estabelece multiseriamentos, e retira de suas comunidades, assentamentos e acampamentos crianças, jovens e adultos para o acesso a escola pública em municípios distantes, tanto geograficamente, como subordinando e distanciando o aprendizado dos saberes da terra, do conhecimento do processo sócio-histórico, da identidade, das relações coletivas e da vida. Além do contexto histórico de negação e penalização do campo, invisibilizando este território de disputa, como uma ruralidade esvaziada, submetida ao atraso, e a cidade como espaço moderno e desenvolvido, corroborando como estigma do rural, enquanto espaço do retrógrado.

O MST e a Via Campesina se colocam em contraponto a esta negação histórica e secular, imposta pela lógica colonial, imperialista, industrial, conformada em ranços conservadores de opressão, ressignificando o MST como expressão de enfrentamento e de ratificação do campo enquanto espaço de vozes e vidas em movimento,

assumindo o campo como espaço histórico da disputa pela terra e pela educação. Campo, portanto, não quer significar o perfil do solo em que o agricultor trabalha, mas projeto histórico de sociedade e educação que vem sendo forjado pelos movimentos camponeses. (Ribeiro, 2013, p. 41 apud Fernandes ; Molina, 2004)

Contudo, para o Movimento, o campo, é um espaço de vida, e que assim como, a necessidade da terra, é preciso o acesso qualitativo a educação básica, regular, e superior garantindo não só o conhecimento acumulado e produzido pela humanidade, mas as condições de apreensão da realidade local e seu processo identitário. A proposta da pedagogia do Movimento se reafirma ao conceder como esteio a “luta universal dos homens pela transformação social, considerando o acúmulo técnico, científico, artístico e social produzido pela humanidade de que hoje poucos se apropriam e que se faz fundamental aos militantes e integrantes do Movimento se apropriar.” (Dalmagro, 2011, p. 70). E para, além disso, o MST vem lutando, para garantir os processos formativos em seus próprios territórios de formação, desenvolvendo lutas contra o estado burguês, para assim realizar seu projeto de formação, deste feito, temos em movimento e luta permanente as Escolas Itinerantes nos Acampamentos (Camini, 2009), como as Escolas do Campo situadas no contexto dos assentamentos de Reforma Agrária que se organizam a partir de um Projeto Político Pedagógico que dialoga com a realidade.

As Escolas do MST não se fazem distantes do conjunto articulado e seguido da sua plataforma de lutas, mas se imbricam numa dimensão total das suas vivências, enquanto parte fundante da dimensão formativa, política e educativa de sua proposta, a educação reitera o sentido político-revolucionário que compõe o Movimento.

Há que se frisar, que as Escolas do Campo se fundam como espaço contra hegemônico, pois se diferem na condução, organização e estruturação da maioria das escolas de ensino regular que se situa no contexto camponês. Porém como afirma Dalmagro (2011)

A luta do MST por escolas públicas revela, assim, as contradições do tempo histórico atual, pois ao mesmo tempo em que depende do estado para universalizar a escola de diferentes níveis em suas áreas, precisa se opor ao padrão de escola vigente, difundido e controlado por esse mesmo estado. . (Dalmagro, 2011, p. 73)

As implicações do posicionamento neoliberal do estado revigora o processo de luta do MST por uma educação do campo que seja avessa e oposta aos processos de formação conformista, pragmático e fragmentado que é inserido nos pacotes funcionais do estado,

processos de formação estes, que contribuem incisivamente num estágio do aprender e seguir, sem por em xeque, sua real formulação. Como acima apontando, a Escola é um espaço contra hegemônico, e o MST vem se colocando na tarefa histórica e coletiva em conjunto com os assentados (as), educadores (as) e educandos (as) da reforma agrária a construir outros processos de formação. Pois se entende a partir das formulações gramscianas que toda relação hegemônica é necessariamente uma relação pedagógica. Assim, conforme (Smionatto, 2011) “a noção de hegemonia enquanto totalidade significa, portanto, a unificação da estrutura e superestrutura, da atividade de produção e de cultura, do particular econômico e do universal político”. (p. 52) E elucida.

Nesse sentido, a hegemonia tem também uma função educativa, e o Estado não só luta para conquistar consenso, mas também educa esse consenso, ou seja, a hegemonia deve ser não só a forma na qual se afirma a direção, o poder de uma classe, de um bloco social, mas deve ser também o terreno e o instrumento para realizar a superação da subalternidade, para atingir uma nova, mais alta unificação entre governantes e governados, dirigentes e dirigidos. (SMIONATTO, 2011, p. 55)

E continua sua análise, explicitando, que

A classe dominante consegue impor a sua ideologia porque, em primeiro lugar, detém posse do Estado e dos principais instrumentos hegemônicos(organização escolar, religiosa, imprensa etc.), [...] e em segundo possui, o poder econômico que representa uma grande força no seio da sociedade civil, pois além de controlar a produção e distribuição dos bens econômicos, organiza e distribui as ideias. (SMIONATTO, 2011, p. 81)

Para esta autora, em confirmação, a direção ontológica e teológica, defendida pelo projeto de educação do campo e de classe, assumido pelo MST, a educação deve estar a serviço da luta das classes subalternas e da possibilidade de elas construírem um projeto revolucionário, sendo assim, um espaço de disputas, assumida e confrontada pelos interesses do capital na conformação das massas, mediante diversos canais de alargamento e reforço dos ideais da sociabilidade vigente, a partir da dimensão ideopolítica e cultural. A prática pedagógica, enquanto movimento que atinge o processo hegemônico, se estabelece no nível das classes dominadas como “conjunto de estratégias e práticas políticas a partir das quais se efetiva o processo de adesão, coesão e organização da classe, o que exige a criação de meios e mecanismo numa ação dessimétrica à atividade pedagógica dominante” (Maciel e Cardoso, 1989, p.169).

Assim, diante dos desafios posto no tempo miúdo, que se coloca a construção e

movimento da proposta das Escolas do Campo do MST, é necessário engendrar processos contra hegemônicos a estrutura engessada, o que se faz urgente para a classe trabalhadora e camponesa. E face, a isto, os camponeses tem buscado se ocupar da construção da proposta pedagógica com vistas ao desenvolvimento e o percurso das reflexões política que o embasa. Deste modo, o projeto político pedagógico, das Escolas do Campo, carrega consigo posições contrárias à estrutura escolar gerencial do estado, a partir dos seus componentes integradores, que se apresentam na base diversificada e são denominados de Organização e Técnicas do Trabalho Produtivo, Práticas Sociais Comunitária e Projeto Estudo e Pesquisa, além de ter os tempos e espaços educativos e o inventário da realidade que é uma pesquisa coletiva realizada em cada Assentamento de Reforma Agrária a partir da sua construção sócio-histórica (no que se refere à conquista pela terra, e sua organização social) que elenca questões da realidade, que constituíram dentro das matrizes do trabalho, da cultura, das lutas sociais e da organização coletiva, ou seja, são levantamentos de contextos, processos, vivências e fontes educativas do meio, que irão se torna subsídio político e pedagógico no planejamento e na condução das aulas dos educandos(as) partindo do solo histórico e coletivo de cada realidade/assentamento, vinculando-se as diversas áreas do conhecimento. Cada componente destes desenvolvem atividades integradas com as demais disciplinas do currículo, assim como, com os tempos educativos, fomentando a direção política e coletiva do projeto de formação, campo e sociedade que defendemos, sinalizando, que é existente a consciência crítica de que estrutura esta se partindo e tomando posição nesta construção, por isso, que a educação do campo, é um desafio em movimento. Pois, como indica Marx (1983) “o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política, intelectual em geral.” (p.24)

As análises marxistas e gramsciana explicitam que a educação por si só não transformará a estrutura que imprime desigualdades, opressões e marginalizações, a partir da relação do trabalho e das classes sociais, mas antes é a eliminação da propriedade privada, que promoverá e dará bases concretas para por em xeque e fim a estes processos de confluência hegemônica do capital e que se reproduz no processo de construção hegemônica pela cultura e ideologia, assim como, nos processos escolarizados, que seguem a conformação destes elementos. “A escola deve se somar no objetivo de construir sujeitos da história, portanto deve formar a “consciência e a capacidade de ação”, a partir dos interesses da classe trabalhadora”. (Dalmagro, 2011, p. 46)

CONCLUSÃO: REAFIRMAMOS É PRECISO ESTUDAR PARA VIVER NO CAMPO.

Os povos do campo na sua luta e resistência geraram e constituíram a educação do campo. Ou seja, esse movimento por uma educação básica do/no campo é fruto da pressão, da resistência e da luta dos sujeitos concretos que vivem no e do campo. Quando falamos em educação do campo, estamos falando de uma educação construída e organizada pelos trabalhadores do campo a partir de sua realidade, suas práticas, vivências, e sonhos. Como bem afirma Caldart (2002:154).

O nome ou expressão Educação do Campo já identifica também uma reflexão pedagógica que nasce das diversas práticas de educação desenvolvidas no campo e/ou pelos sujeitos do campo. É uma reflexão que reconhece o campo como lugar onde não apenas se reproduz, mas também se produz pedagogia; reflexão que desenha traços do que se pode se constituir um projeto de educação ou de formação dos sujeitos do campo.

Trata-se de uma luta por uma educação que valoriza os saberes e a realidade onde os educandos estão inseridos, construindo em cada ser humano uma identidade camponesa, formando sujeitos comprometidos com a transformação social. É preciso compreender que a Educação Campo não trabalha só a realidade dos camponeses, trabalha a partir dela na perspectiva de construção de uma visão de totalidade do conhecimento, uma educação vinculada a luta.

Estamos, portanto tratando e defendendo uma concepção de educação que se identifica com seus sujeitos do campo, que considera suas especificidades e organização e que, sobretudo tem como princípio central a formação do homem Omnilateral.(Marx,1987).

A Escola dialoga com a realidade e extrai desta, elementos, para a condução da proposta pedagógica, assim sendo,

preciso que toda vida do assentamento seja chamada ao esforço de cuidar da educação das crianças e jovens, e não apenas a escola – por mais que a esta se reserve uma tarefa específica. É preciso criar, no interior do Movimento e em cada assentamento, a partir de suas agências formativas próprias, uma ação que se contraponha às funções sociais de exclusão e subordinação presentes na atual forma escola capitalista. (Freitas, 2011, p. 126)

A pedagogia do movimento se constituiu, com diferentes práticas e teorias de educação construídas historicamente a partir dos interesses sociais e políticos da classe trabalhadora. Nós queremos (precisamos enquanto classe e na direção de seres humanos mais plenos) formar sujeitos não submissos, organizadamente ativos e orientados por uma determinada visão de mundo. (Caldart, 2011, p. 81)

Para o MST existe uma preocupação constante em realizar um processo de formação diferente e oposto à escola hegemônica, estruturada sob a batuta do estado burguês e neoliberal. “Não só no que se refere aos conteúdos que veicula, mas na forma de organização do trabalho escolar e pedagógico”. Para o MST “a forma, forma”. (Dalmagro, 2011, p. 56)

Estas construções e espaços coletivos se contrapõem a lógica gerencial do estado que está presente no cerne da organização curricular posta pelo estado para serem seguidas e cumpridas nas Escolas do Campo. As Escolas do MST se colocam em contraponto quando, elaboram e constituem outros meios e situações de aprendizagem. Como os tempos educativos, que são espaços para além do tempo aula, são espaços que permitem o desenvolvimento de práticas coletivas e o enfrentamento do engessamento do saberes e sua fragmentação.

Para o MST, o espaço da sala de aula não pode ser o único existente na escola. Serão criados diversos tempos educativos que visam a uma ação planejada da escola nas diversas dimensões de que se compõe o ser humano. Os tempos mais visados são, além do tempo-aula, o trabalho, a oficina, o esporte, e o lazer, o estudo ou a leitura e a gestão(coletivos pedagógicos auto-organização dos educandos) (Dalmagro, 2011, p. 47 apud MST, 1999)

Todos estes ambientes, proporcionam novas relações de aprendizagem e construção do conhecimento, possibilitando a construção de uma nova escola, que se ergue sob a condução dos próprios sujeitos. São elementos pedagógicos e políticos que contribuem incisivamente para alargar a condução do projeto maior, que se contrapõem no âmbito político e econômicos as relações sociais que se gestam nos pressupostos ideológicos e culturais determinados pelo capital, assim

[...] não podemos esquecer que se nossa luta continua sendo para que “ a escola seja mais do que escola”, no sentido de assumir-se como parte de uma totalidade mais ampla, a vida, a luta por ela não cabe dentro de uma escola (mesmo que derrubadas suas paredes, suas cercas) e as lutas pedagógicas não substituem as lutas sociais e políticas mais amplas, ainda que também na pedagogia a vida seja defendida somente com palavras... (Caldart, 2011, p. 83)

Destarte, corroborando com Ribeiro (2013) diante das postulações indicadas anteriormente por Caldart, consideramos que

A transformação social é um desafio posto ao sujeito histórico, revolucionário uno/múltiplo de expressões do trabalho, da vida e da cultura. Esse desafio coloca tarefas essenciais, como: a conquista da terra sob novas relações de produção da vida, do conhecimento, da ciência e da arte, associada a uma formação radicada nessas relações. (Ribeiro, 2013, p. 198)

Um projeto de formação, campo e sociedade que se radique no horizonte da emancipação humana, assegurando condições reais de permanência e sobrevivência no campo para os sujeitos, com dignidade e soberania, tendo estes sujeitos, condições de construir novas relações agrícolas e agrárias com a terra, o ar, natureza, enfim uma nova sociabilidade fundada em princípios e valores socialistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARROYO, M. G., FERNANDES, B. (Orgs.). **A educação básica e o movimento social no campo (Por uma educação do campo)**. Brasília, 1999.

BASES, Lei de Diretrizes e – LDB. **Na oferta de educação básica para a população rural**. Lei nº. 9.394/96, Art. 28. 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo**. Resolução nº 1, de 3 de abril de 2002.

_____. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo**. Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008.

_____. **Política Nacional de Educação na Reforma Agrária** (Decreto nº 7.352, 04/11/2010).

COUTINHO, Carlos Nelson. **Os conselhos de Fábrica e o Jovem Gramsci**. In: ____A Democracia como valor universal e outros ensaios. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

_____. **As categorias de Gramsci e a realidade brasileira**. In: NOGUEIRA, M.A. Gramsci e a América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Gramsci. Um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Campus,

1989.

CAMINI, Isabela. **Escola Itinerante: na fronteira de uma nova escola**. São Paulo, Expressão Popular, 2009.

CALDART, Roseli Salete. **O MST e a escola: concepção de educação e matriz formativa**. In: Caminhos para transformação da Escola: reflexões desde práticas da licenciatura em educação do campo. Roseli Salete Caldart(organizadora), Andréa Rosana Fetzner; Romir Rodrigues; Luiz Carlos de Freitas. 1. Ed. São Paulo, Expressão Popular, 2011.

CALDART, Roseli Salete. **A escola do campo em movimento**. In: ARROYO, M.G.; MOLINA, C.M. (Org). Por uma educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Educação em movimento: Formação de educadores e educadoras no MST**. Petrópolis, RJ; vozes, 2002.

_____, Roseli Salete. **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo**. *Estud. av.* [online]. 2001, vol.15, n.43, pp. 207-224. ISSN 0103-4014.

_____, Roseli Salete. **Elementos para construção do projeto político e pedagógico da educação do Campo**. Disponível em <http://w3.ufsm.br/gpet/files/aqui.pdf> Acesso em 27 de Dez. De 2013.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

DALMAGRO, Sandra Luciana. **A Escola no Contexto de Lutas do MST**. In: Escola e Movimento Social: a experiência em curso no campo brasileiro/ Célia Regina Vedramini e Ilma Ferreira Machado (organizadoras). 1 Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2011

FREITAS, Luis, C. de. **Formação de quadros técnicos ou formação geral? Riscos de um falso dilema para o MST**. In: . A Escola no Contexto de Lutas do MST. In: Escola e Movimento Social: a experiência em curso no campo brasileiro/ Célia Regina Vedramini e Ilma Ferreira Machado (organizadoras). 1 Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2011

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARX, Karl. E ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã** (Feuerbach), Hucitec, São Paulo(1987).

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MACIEL, M.; CARDOSO, F. G. **Metodologia do Serviço Social: a práxis como base conceitual**. Cadernos Abess. São Paulo, Cortez, n. 3, 1989.

MÈSZÁROS, István. **Para além do capital: por uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MST. **Princípios da Educação no MST**. Caderno de Educação n.8 São Paulo, 1996.

_____. **Documento Básico do MST**. Piracicaba, 1991.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento Camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana**. 2. Ed. São Paulo, Expressão Popular, 2013.

SMIONATTO, Ivete. **GRAMSCI: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social**. 4. Ed. – São Paulo, Cortez, 2011.